

da doença, justificou a indicação da eutanásia. No caso em questão, o megaesôfago foi classificado como idiopático congênito devido a ter ocorrido dilatação esofágica generalizada de causa desconhecida e com sinais de regurgitação iniciados logo após o desmame. A incidência dessa enfermidade é maior em certas raças caninas, como Pastor Alemão, Shar Pei, Setter Irlandês, Fox Terrier e Schnauzer e assim não correspondendo a um distúrbio comum no padrão racial da paciente analisada.

Palavras-chave: enfermidade esofágica, astenia, *Canis familiaris*.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-299

MEGAESÔFAGO SECUNDÁRIO A PERSISTÊNCIA DE QUARTO ARCO AÓRTICO DIREITO EM CÃO – RELATO DE CASO

Carla Daniela Correia Laurindo de Cerqueira Neto¹; Laila Pires Caires¹; Elane de Alencar Arrais Machado¹; Eunice Santos de Andrade¹; Adamas Tassinari Bonfada²; Luciana Serpa Figueiredo Dionízio³; Juliana Rocha Silva³

¹Residente do Hospital Veterinário – UNIME – Lauro de Freitas, ²Prof. Msc. Patologia e Clínica Cirúrgica – UNIME – Lauro de Freitas, ³Discente do curso de Medicina Veterinária, UNIME – Lauro de Freitas. E-mail: carla.neto.vet@gmail.com.

O presente trabalho relata um caso de megaesôfago secundário adquirido por persistência de quarto arco aórtico direito em um cão adulto. Um cão, macho, com um ano de idade da raça Poodle, foi atendido no Hospital Veterinário da UNIME com histórico de regurgitação logo após o desmame e início de alimentação sólida. Ao exame físico o animal foi considerado com escore corporal três a quatro e sem alterações clínicas. Foi realizado o estudo radiográfico simples das regiões cervical e torácica com identificação de ar em esôfago em toda extensão torácica. No esofagograma com sulfato de bário foi identificada dilatação do segmento torácico cranial a base cardíaca sugerindo anomalia de anel vascular. O eletrocardiograma e o ecocardiograma com doppler não evidenciaram alterações. O acesso cirúrgico foi realizado por toracotomia intercostal esquerda com secção do ligamento arterioso confirmado pela passagem de sonda de Foley sob visualização direta com o balonete inflado na região da compressão. No pós-operatório foi indicado alimentação líquida por sete dias seguido de alimentação pastosa por pelo menos 30 dias com elevação dos membros torácicos. Durante este período houve significativa redução da regurgitação. A correção após a fase juvenil neste animal teve um prognóstico reservado antes da cirurgia, pois em idade adulta o caráter crônico pode significar megaesôfago irreversível com perda de motilidade. Foi realizado outro esofagograma 30 dias após a cirurgia com permanência da dilatação esofágica. A dilatação esofágica foi considerada como consequência de persistência de quarto arco aórtico, que após a sua remoção fez com que os sinais clínicos fossem reduzidos associados ao manejo clínico adequado. Pode-se concluir que o procedimento cirúrgico foi importante para determinação do megaesôfago determinado pela persistência de quarto arco aórtico direito, levando a remissão da regurgitação com os cuidados clínicos adequados.

Palavras-chave: cão, esôfago, anel vascular.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-300

MELANOMA MELANÓTICO MALIGNO COM METÁSTASE PARA SISTEMA NERVOSO CENTRAL EM CÃO: RELATO DE CASO

Carlos Humberto da Costa Vieira Filho¹; Marília Carneiro de Araújo Machado²; Lorena Gabriela Rocha Ribeiro³; Ludmila de Lima Trindade⁴; Tiago da Cunha Peixoto⁵; Alessandra Estrela Lima⁵

¹Patologista *Histopathus-Semeve*, Salvador, BA, ²Mestranda em EMVZ/UFBA, ³Doutoranda EV/UFMG, ⁴Graduanda em Medicina Veterinária, UFBA, ⁵Prof. EMVZ/UFBA.

Descreve-se um caso de melanoma cutâneo com múltiplas metástases para órgãos internos, incluindo o sistema nervoso central (SNC) em um cão. Um canino macho da raça Sharpei com histórico de febre, diarreia, dificuldade de locomoção, anorexia e tremores foi atendido no HOSPMEV-UFBA. Devido agravamento do quadro clínico o animal foi eutanasiado e encaminhado ao Laboratório de Patologia Veterinária (LPV) para ser necropsiado. À necropsia observaram-se, múltiplos nódulos cutâneos de coloração enegrecida, com até 2,0 cm de diâmetro e consistência firme. Nos pulmões, linfonodos axilares e mediastínicos, bem como no diafragma, miocárdio e testículo, verificaram-se diversas nodulações enegrecidas multifocais com dimensões que variavam de poucos milimétricos a 1,7 cm de diâmetro. A abertura da calota craniana verificou-se congestão das leptomeninges e edema do SNC. A secção sagital do encéfalo evidenciou próximo ao diencéfalo um nódulo medindo 2,5 x 2,0 cm, de coloração enegrecida e consistência friável. Durante a necropsia fragmentos de diversos órgãos e tecidos, contendo a neoplasia, foram fixados em formol neutro e tamponado a 10% e processados pelas técnicas rotineiras para histopatologia e as lâminas obtidas foram coradas pela Hematoxilina-eosina. O exame histopatológico revelou proliferação atípica de células arredondas ou fusiformes, com citoplasma escasso a abundante, com núcleos redondos, ovóides ou fusiformes com cromatina ora marginal, ora vesicular, com nucléolos único ou duplo evidentes; grande parte das células continham pigmento marrom-enegrecido granular (melanina) em seu citoplasma. As células neoplásicas apresentavam moderado pleomorfismo e havia algumas células multinucleadas. Índice mitótico moderado com algumas mitoses atípicas. Com base nos achados clínico-patológicos foi estabelecido o diagnóstico de melanoma melanótico maligno com múltiplas metástases.

Palavras-chave: Neoplasia, canino, encéfalo

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-301

MENINGIOMA EM CÃO: RELATO DE CASO

Lorene Oliveira Spínola¹; Eduardo Luiz Trindade Moreira²; Paulo César Maiorka³; Marcelo de Souza Zanutto⁴

¹Clínica Veterinária Autônoma Salvador-BA, ²Prof do Departamento de Patologia e Clínicas do HOSPMEV-UFBA, ³Prof do Departamento de Patologia Animal da FMVZ-USP, ⁴Prof do Departamento de Clínicas Veterinárias do Centro de Ciências Agrárias da UEL.

As neoplasias cerebrais estão entre as causas de eventos convulsivos e uma diversidade de alterações neurológicas em cães, sobretudo o meningioma. O presente relato de caso descreve um caso de meningioma em cão, Poodle, fêmea, 15 anos de idade, atendido no HOSPMEV-UFBA, em novembro de 2004, com histórico de episódios convulsivos recorrentes, andar compulsivo em círculos, diminuição da acuidade visual e fraqueza muscular. Ao exame

físico o animal apresentou sopro sistólico em foco mitral, presença de massa em região epigástrica ventral à palpação abdominal e neoplasia mamária sésil. O diagnóstico clínico inicial foi de Síndrome Cerebral, associado à neoplasia hepática e mamária, e insuficiência valvar crônica de mitral. Os exames complementares incluíram dois hemogramas, dosagem de potássio, ALT, FA, uréia e creatinina séricas, sem alterações que justificassem o quadro clínico do animal; bem como ultrassom abdominal e raio-x de tórax, coluna tóraco-lombar, articulações coxo-femorais e femuro-tíbio-patelares. A sintomatologia característica de síndrome cerebral aliada ao histórico do animal e aos exames complementares sugeriu processo neoplásico. A evolução lenta e progressiva dos sintomas reforçou a suspeita inicial. Foi realizado apenas o tratamento conservativo ou sintomático com Fenobarbital uso contínuo e prednisona. Durante acompanhamento clínico dentro do período de dois meses e 22 dias após consulta inicial foi constatada a manutenção do quadro de comportamento compulsivo, agravamento do quadro locomotor (doença articular degenerativa associada) e intensificação das crises convulsivas que se tornaram mais frequentes culminando com a perda de consciência. O animal foi submetido à eutanásia autorizada pelo proprietário. Os achados à necropsia direcionaram a suspeita para meningioma, confirmada com o laudo histopatológico de meningioma endoteliomatoso com padrão lamelar atípico e hemangioma cavernoso hepático. Os sintomas neurológicos decorreram da ação compressiva da massa tumoral sobre o córtex e dos efeitos vasculares secundários. A disponibilidade e acessibilidade aos animais de companhia de meios diagnósticos por imagem faz-se necessária, sobretudo pela elevada casuística dessa enfermidade na espécie canina, assim a conduta terapêutica não se limitaria ao tratamento sintomático, viabilizando a opção do tratamento específico com a excisão cirúrgica e/ou quimio-radioterapia.

Palavras-chave: Cão, Meningioma, Neoplasia cerebral, Oncologia.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-302

MESOTELIOMA ESQUIRROSO TORÁCICO EM CANINO – RELATO DE CASO

Laila Pires Caires¹; Carla Daniela Correia Laurindo de Cerqueira Neto¹; Adamas Tassinari Bonfada²

¹Residente do Hospital Veterinário – UNIME – Lauro de Freitas, ² Prof. Msc. Patologia e Clínica Cirúrgica – UNIME – Lauro de Freitas. E-mail: dralailapires@gmail.com.

É relatado um caso de mesotelioma esquirroso em cavidade torácica em um cão. Foi atendido no Hospital Veterinário da UNIME um cão, fêmea, com onze anos de idade, da raça Boxer, com apatia, emagrecimento agudo, dispnéia e bulhas cardíacas hipofonéticas. Drenou-se 2,5 L de líquido por toracocentese, sendo enviado para análise laboratorial, e observado amostra sugestiva de neoplasia maligna. A radiografia torácica constatou presença de micronódulos dispersos em ambos os pulmões. O paciente foi submetido à toracotomia onde foi observada neoplasia difusa que envolvia pulmão, pleura e diafragma, com aspecto amarronzado semelhante à "couve-flor". Foi realizada lobectomia parcial que após análise histopatológica identificou uma proliferação maligna de células mesoteliais arranjadas em manto na periferia do neoplasma com até 15 camadas de células. No interior do neoplasma havia acentuada proliferação de tecido conjuntivo fibroso (reação esquirrosa) que isolava grupos de células mesoteliais em um arranjo que lembrava ácinos glandulares com até quatro camadas de células. As células mesoteliais neoplasicamente transformadas eram poligonais, com citoplasma, finamente granular, fracamente basofílico, abundante e com bordos citoplasmáticos distintos. O núcleo era oval grande

com cromatina vesicular e até três nucléolos conspícuos. Em algumas áreas foram observadas essas células isoladas, com o citoplasma um pouco mais globoso assumindo a forma de uma lápide. O pleomorfismo era acentuado e as mitoses ocasionalmente observadas. Após cirurgia, o paciente apresentou progressão de quadro de insuficiência respiratória, vindo a óbito. O exame post-mortem revelou tecido firme e brancacento em cavidade torácica que recobria toda a pleura parietal e visceral, causando um espessamento. Sobre o pericárdio este tecido interferia com o preenchimento dos átrios. Dado aspecto histológico observado na neoplasia relatada concluiu-se o diagnóstico de mesotelioma esquirroso. Levando-se em conta o grande comprometimento da cavidade torácica e seus efeitos diretos sobre a função cardiorrespiratória pode-se concluir que esta neoplasia ocasionou a morte do animal.

Palavras-chave: neoplasia, cavidade torácica, cão.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-303

MIASTENIA GRAVIS EM CÃO – RELATO DE CASO

Keyla Cristina D'Agostin¹; Samuel Monzen¹; Ariane Martins Fernandes²; Juliana Yuki Rodrigues²; Arleana do Bom Parto Ferreira de Almeida³; Valéria Regia Franco Sousa³

¹Residente do Hospital de Medicina Veterinária da UFMT, ² Graduanda em Medicina Veterinária pela UFMT, ³Professora adjunta de Clínica Médica de Pequenos Animais pela UFMT. E-mail: julianayrodrigues@hotmail.com

É relatado um caso de *Miastenia Gravis* (MG), com o intuito de esclarecer o diagnóstico e o tratamento desta enfermidade, que pode ser diagnosticada tardiamente devido às complicações que podem mascarar a doença de base. Em Novembro de 2012 deu entrada no Hospital Veterinário da UFMT um cão, fêmea, da raça Rottweiler, sete anos de idade com histórico de dificuldade locomotora, que começou nos membros torácicos e evoluiu para os pélvicos. No exame físico o animal apresentou apenas diminuição dos reflexos nos membros pélvicos. Foram solicitados exames sanguíneos (hemograma, alanina aminotransferase e creatinina) que se apresentaram normais. Suspeitando de enfermidade muscular foi dosado creatino quinase, se mostrando dentro da normalidade. O teste imunocromatográfico para cinomose teve resultado negativo. Apesar do animal apresentar normoúria, normodipsia, normofagia, vacinas e vermífugos atualizados, o quadro neuromuscular vinha piorando. A suspeita de *Miastenia Gravis* foi instalada, já que os sintomas eram compatíveis com os descritos na literatura. Com intuito de promover o diagnóstico terapêutico, já que os testes para diagnóstico da doença não estavam disponíveis no momento, foi prescrito Brometo de Piridostigmina a cada oito horas via oral. Com uma semana de tratamento foi solicitado retorno do animal, onde o proprietário relatou melhora significativa dos sinais clínicos, mesmo após ser submetido à exercício físico intenso. Os anticolinesterásicos são usados como primeira linha de tratamento. Imunossupressores são indicados quando os anticolinesterásicos isolados não são eficazes, pois estes não tem efeito contra a resposta imunológica do organismo. Para o diagnóstico e tratamento do caso acima relatado foi utilizado o Brometo de Piridostigmina, como recomendado pela literatura, pois deste modo a acetilcolina liberada fica disponível por um período mais prolongado na junção neuromuscular, o que causa o desaparecimento dos sinais clínicos, como observado neste animal que se encontra estável desde o início do tratamento. O prognóstico é bom quando ainda não ocorreram complicações.

Palavras-chave: canino, desordem neuromuscular, diagnóstico terapêutico